

Na onda dos inúteis: uma experiência remota com teatro e leitura na escola

On the useless' wave: an online experience with theater and reading at school

Lara Matos

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil
E-mail: laratmatos@gmail.com

Luan Nagib Peres

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil
E-mail: nagibluan@gmail.com

Lucy Pina

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil
E-mail: lucybpp@gmail.com

Resumo

Este ensaio propõe olhar para uma experiência de lonjuras e instabilidades através das telas, no contexto do ensino remoto durante o segundo semestre de 2021. Desenvolvida durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado: Teatro na Escola II, do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), proposto junto a estudantes do ensino médio do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Essa experiência acontece ilhada: na ilha de Florianópolis, nas ilhas de nossas casas em isolamento e por isso tem o mar como premissa metafórica da conexão, o tempo lento da praia no inverno, o conhecimento de observação dos pescadores. Impulsionados pelas leituras realizadas durante as aulas na universidade, acompanha-se os passos de uma personagem intrigada pela possibilidade de não ser útil e junto a ela apresenta-se outros autores que também se perguntaram se há lugar para o inútil, e como, estando em confinamento, suportar a vontade de cumprir com as demandas de produção que cercam, a produção pasteurizada, embalada e poluente. Somadas a este questionamento, inspira-se nas propostas a partir dos textos e aulas de Heloíse Vidor, cujas práticas de leitura são integradas a jogos teatrais. A expectativa com o texto é propiciar uma experiência de leitura que se assemelhe ao processo das aulas promovidas. Assim, o texto busca traduzir uma prática que se desenvolveu pelo texto/leitura como ação teatral, as respostas e descobertas que aparecem como legado do momento proposto são o endereçamento da veleidade de que não se estancam no processo de análise, mas que se expandam em um contínuo de experienciar.

Palavras-chave

Inutilidade. Experiência. Leitura. Pandemia. Ensino do teatro.

Abstract

This essay proposes to look at an experience of distance and instability through the screens, in the context of remote teaching during the second semester of 2021. Developed during the course of the Supervised Curricular Internship: Theater in School II, of the course of Licenciature in Theater of the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), proposed with high school students of the Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). This experience takes place at isolation: on the island of Florianópolis and on the islands of our isolated homes and, therefore, has the sea as a metaphorical premise of connection, the slow step of time at the beach in winter, fishermen's observation knowledge. Driven by the readings done during the university classes, it followed the steps of a character intrigued by the possibility of not being useful, and together with her it presented other authors who also wondered if there is a place for the useless, and how, being in confinement, to bear the will to comply with the demands of production that surround them, the pasteurized, packaged and polluting production. Added to this questioning, we are inspired by the proposals based on Heloíse Vidor's texts and classes, whose reading practices are integrated to theatrical games. The expectation with the text is to provide a reading experience that resembles the process of the promoted classes, being here also a writing process that makes use of other writing strategies to give semantic body to the experience and serve as a guide to the reader. Thus, the text seeks to translate a practice that was developed by the text/reading as a theatrical action, the answers and discoveries that appear as a legacy of the proposed moment are the address of the vexation that they do not stop at the analysis process, but that it expands in a continuum of experiencing.

Keywords

Gathering. Techno-gathering. Digital media. Theater games.

Começamos de maneira abrupta: “Eu me chamo Sofia. Tenho onze anos e meio e, quando crescer, quero ser inútil”. A surpreendente fala de Sofia abre o livro *A praia dos inúteis*, de Alex Nogués (2020, p. 5), e também, abre nosso segundo semestre na disciplina de estágio na escola. Quando expostos à narrativa de Sofia e às reflexões propostas pela professora titular da disciplina, Heloise Vidor¹, acerca da fala da personagem, abriu-se um *abismo*, um espaço silencioso e atrativo, onde aos poucos fomos investigando criativamente as possibilidades de habitá-lo, culminando em questões e na elaboração de um projeto de estágio a ser desenvolvido na escola. É sobre isso que falaremos a seguir.

Experimentaremos traçar neste ensaio algumas reflexões que marcaram nosso período de formação enquanto professores durante nossa prática de estágio docente, realizado através da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado - Teatro na Escola II, do curso de Licenciatura em Teatro da Udesc. A apresentação será dividida em duas partes; na primeira esboçamos algumas das ideias que fundamentam nossa entrada no campo prático, no exercício da docência, seguida pela segunda parte, onde relatamos a execução do projeto pedagógico desenvolvido na disciplina em contexto escolar.

Advertimos de antemão que nosso percurso textual, reflexo do percurso prático será irregular e que, por atravessarmos temas **cabeludos** em uma situação tão adversa, nossa intenção é alertar para o fato de que pouco se pode afirmar ainda sobre a experiência pedagógica durante a pandemia, ainda colhemos as ressonâncias do nosso contexto. Eis aqui nosso esboço, nosso caminho, nosso convite ao devaneio.

Em sua curta e fascinante trajetória no livro de Nogués, a personagem Sofia mostra-se inquieta frente a um mundo já roteirizado, onde reina a acomodação dos indivíduos em papéis já predefinidos. Nesse mundo, o processo de educação na escola tem por fim um encaixe nesses papéis, não há espaço e nem tempo para diferentes possibilidades de experimentá-lo. O entorno de Sofia, e também o nosso, parece negar as múltiplas possibilidades

de sentir o mundo, parece limitar a experiência da vida, é sufocante. Nós nos valem das palavras de Ailton Krenak (2020) para melhor arquitetar esta situação:

O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro desta lógica vive isso como se fosse uma experiência total. As informações que ela recebe de como se constituir como pessoa e atuar na sociedade já seguem um roteiro predefinido: vai ser engenheira, arquiteta, médica, um sujeito habilitado para operar no mundo, para fazer guerra; tudo já está configurado (KRENAK, 2020, p. 100).

A forma como vivemos atualmente parece limitar nossas potências, reprime alguns de nossos impulsos mais profundos. Sem nos darmos conta, seguimos alimentando a máquina social capitalista, onde tudo e todos desempenham funções específicas que, mascaradas de planos de carreira, acumulação de bens e outras tentativas de construção de sentido para vida, nos afastam do mundo, das sensações menos aceleradas, mais sensíveis da vida e das possíveis experiências que teríamos se mais libertos. A sociedade contemporânea nega nossa impulsividade, a não ser no que diz respeito à mercadoria, se o impulso é comprar, este é muito bem vindo.

Krenak vai ainda mais longe nesta discussão e situa nosso lugar de predadores do mundo. Para ele, a forma como temos vivido não é só nociva para nós, quanto também para a natureza, para os ecossistemas, para a vida. O que Krenak propõe é um aterramento na catástrofe, um parar e reparar aquilo que até então temos feito, perceber onde estamos e refletir para onde estamos indo. É quase como se nos convidasse a parar sobre esse solo danificado, esse ar poluído e nos perguntasse: você se sente confortável aí? Consegue respirar? Consegue enxergar alguma beleza, algum caminho? Estas indagações nos sugerem uma perspectiva que não vê o humano como entidade superior, deslocada da natureza, do universo, mas como parte integrante deste, sem distinção, sem hierarquia.

O embrião dessas questões parece estar presente no imaginário da personagem que inaugura nosso texto. Sofia, desde o princípio, nega essas escolhas que são postas como necessárias para

1 Heloise Baurich Vidor é professora associada do Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, na área de Pedagogia do Teatro / Teatro e Educação. Sua pesquisa atual investiga as aproximações entre Leitura e Teatro em contextos de educação.

ganhar a vida, possui uma presença de escuta mais ampliada frente ao mundo do que aqueles que a rodeiam. Junto aos seus amigos, Fau e Frodo, ela investiga seu pequeno vilarejo com olhar de filósofa. Está interessada nas possibilidades da expressão artística de Kandinsky, na musicalidade dos violinos, na **re-descoberta** infinita de sua cidade e de seus vizinhos onde, em velocidade diferenciada, ela acaba sempre voltando à praia, seu lugar favorito. A praia e seus mistérios, a praia e seu poder de revelar nossa microscópica dimensão frente ao universo, a praia no inverno e seus curiosos frequentadores, a praia e seu poder de suscitar questões. É vagando pela praia que Sofia e seus amigos encontram um homem enorme e muito agasalhado que os surpreende apresentando um punhado de gravetos:

- Gravetos... olhem.
- Nos mostrou uma bela quantidade, que levava debaixo do braço. Tinham formas estranhas e estavam polidos e arredondados pelo mar.
- E para que servem? – perguntei.
- Não sei. Um dia saberei e ficarei mais feliz e um pouco mais sábio. Agora, neste momento, eu me divirto encontrando-os.
- Acho que viu pelas nossas caras que não tínhamos entendido.
- Olhem bem para eles.
- “Cada um tem uma beleza especial. São únicos. A terra e o mar lhes deram uma história. Um toque suave. Uma forma única. E fui eu quem os viu e os encontrou primeiro!” (NOGUÉS, 2020, p. 38).

Há sabedoria no gesto de recolher os gravetos que por ora parecem não ter utilidade? A ação do homem naquele momento era movida por uma força que não o levaria a lugar algum, o propósito do gesto acontecia na própria execução de juntar gravetos vindos do mar, de sentir as sensações que esse encontro estava provocando. O toque na pele, o tempo desacelerado que a atenção destinada a procurar gravetos requer, as peculiaridades gravadas em cada graveto. Ele estava se relacionando com o mundo guiado pelo divertimento que havia descoberto.

O elogio de Sofia à inutilidade, junto às reflexões apresentadas por Ailton Krenak, nos provocou, nos serviu de **trampolim** para o que viria a seguir. Como pensar essa questão da inutilidade num exercício de docência ou, mais especificamente, na inu-

tilidade enquanto potência para uma relação mais criativa com a vida, enquanto potência para ampliação dos sentidos ao adentrar as salas de aula e se relacionar com os conteúdos. Para nos ajudar a refletir sobre essas questões, nos voltamos para a noção de experiência no contexto da educação, também discutida em nossas aulas de estágio, através dos escritos do pedagogo espanhol Jorge Larrosa Bondía. Neste material a experiência está descrita como:

[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2001, p. 21).

Aqui, temos a experiência enquanto o avesso da lógica atual do neoliberalismo, de produção de excessos de sentido, conversão de tempo de vida em capital, mercadoria. Esse modo de vida configura um mundo onde tudo possui um lugar já predefinido, roteirizado, sem espaço para o desconhecido. Passamos diariamente por diversas atividades, encontros e saberes, mas isso nos transforma? É também nesse sentido que tratamos a noção de afirmação da vida enquanto potência, enquanto transformação, uma vida afirmativa seria uma vida repleta de experiências. Sem romper com essa lógica dominante, não temos espaço para experiências, e sem elas, não nos transformamos.

Nós somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece (BONDÍA, 2001, p. 24).

Em nossa sociedade a premissa é que estejamos constantemente informados, constantemente buscando novos estímulos, que estejamos constantemente tentando nos reinventar dentro das possibilidades previamente desenhadas (BONDÍA, 2001, p. 25). Esses excessos nos impedem de sentir, de ela-

borar qualquer acontecimento que nos suceda, nos impede de alcançar uma sabedoria própria, uma sabedoria ligada aos afetos. O ambiente escolar acaba por repetir aquilo que se encontra fora dele, o espaço de formação, de transformação de si, torna-se mais um meio de repassar as instruções inscritas no roteiro.

Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo (BONDÍA, 2001, p. 23).

Não abandonemos a sabedoria de Sofia: aliadas às palavras de Larrosa, as atitudes da narradora de Nogués apontam para um caminho de descoberta de si, de entrada no desconhecido, de afirmação da vida. Sofia não está contente com o discurso de seu pai, não está conformada com o que exigem na escola. Ela quer mais, quer viver. Ela para e sente, para e escuta aqueles que cruzam seu caminho. "O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião" (BONDÍA, 2001, p. 25)

E se pensarmos em aulas de artes na escola como a praia de Sofia, como um espaço indeterminado e perigoso, e talvez por isso mesmo repleto de possíveis experiências? Qual seria o papel da escola nestes tempos onde se torna cada vez mais difícil parar para pensar, parar para sentir? É neste sentido que rumamos a partir de agora. Seguimos esta reflexão compartilhando um pouco da nossa própria experiência na disciplina de Estágio na escola² e

de como o que nos foi apresentado neste contexto contribuiu para a formação do nosso projeto de experiência docente que seria desenvolvido na escola.

Do fascínio desenvolvido pela inserção de literaturas em aulas de ensino do teatro, chegamos ao trabalho *Teatro e leitura: aproximação e apropriação do texto literário*, de Heloíse Vidor, e encontramos ali as reflexões da professora/autora acerca daquilo que vínhamos observando nas aulas, a aproximação do material texto literário através de exercícios teatrais. Temos aqui o texto literário como possibilidade de interrupção de um tempo acelerado, como a abertura de um espaço propício à contemplação e a reflexão, como a praia de Sofia. As propostas de leitura são desenvolvidas em grupo e em voz alta e estariam vinculadas a escuta, ao encontro, ao inesperado e a visualidade do acontecimento. Este encontro com o texto parece instaurar um espaço a ser vivido através dos sentidos e pode tornar a leitura uma experiência.

A leitura, neste contexto trabalhado por Vidor, diz respeito a pesquisa sobre a voz colocada em ação na leitura, da relação entre o lugar/ação da escuta, que envolve além dos atributos auditivos, a capacidade de ser afetado e compreender os caminhos e o encadeamento da história lida, assim reforçando a teatralidade das aulas e efetivando a aproximação dos estudantes com o texto literário³.

Foi através de materiais literários que iniciamos as reflexões desenvolvidas neste ensaio e era com esses materiais que gostaríamos de continuar trabalhando. Nosso objetivo era compartilhar essa discussão com estudantes que nos acompanhariam durante o período de estágio na escola. Nosso objetivo era provocar um encontro, uma *colisão* esperando que algum fragmento pudesse tocá-los, atravessá-los ou que desestabilizasse um momento de

de desbravamento onde nos foram apresentados alguns livros infantis seguidos de exercícios de contemplação e de reflexão. O entrelaçamento da literatura com o teatro nos pareceu uma possibilidade interessante a ser investigada.

3 Na pesquisa da autora encontramos o relato de suas práticas e apresentação de algumas alternativas no que diz respeito à aproximação dos estudantes com textos literários. Ela apresenta jogos, regras de leitura e uma série de outros procedimentos que favorecem a entrada no texto, a entrada no acontecimento da leitura em voz alta. Longe de sistematizar um método, Heloíse Vidor apresenta algumas suposições, traça seu caminho e pondera sobre aquilo que funcionou e aquilo que poderia ser aprimorado.

2 A disciplina foi ministrada pelos professores Filipe Brancalhão e Heloíse Vidor, e nossas orientações semanais da prática do estágio docente foi encargo da professora Lara Tatiane de Matos. As aulas foram espaço

seu dia. Nos textos, não enxergamos só a potência das palavras enquanto ideias, mas também todo o campo sensível capaz de ser despertado e explorado através de uma aproximação, de uma curiosidade voltada para a literatura.

2

Construímos um projeto cujo objetivo era a interrupção do tempo acelerado, a instauração de um momento de escuta, de contemplação num contexto de aulas de teatro *online* durante a pandemia. Encontramos no trabalho com textos literários um caminho potente para alcançar estes objetivos, tendo em vista que o conteúdo das aulas de teatro, a teatralidade a ser posta em questão, estaria preservada no ato da leitura em voz alta, na percepção daquele que lê e no acontecimento como um todo (VIDOR, 2016).

Questionamo-nos acerca de quais materiais seriam capazes de mobilizar os estudantes e, num primeiro momento, nos pareceu justo o compartilhamento de textos que nos marcaram de alguma forma e que, seja por tratarem do momento de formação da vida dos estudantes, seja por apresentarem qualidades sonoras, também seriam capazes de provocá-los neste primeiro contato com a literatura.

A praia dos inúteis (NOGUÉS, 2020); *o conto Fuga* (2009), de Caio Fernando Abreu; poesias de Manoel de Barros e haicais de Paulo Leminski; o livro *A mulher que matou os peixes* (2019) e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998), ambos de Clarice Lispector; além de alguns microcontos e do desfecho, que pretendia amarrar todas as nossas escolhas e proporcionar um momento final de reflexão, com o texto *A vida não é útil* (2020), de Ailton Krenak. Essas foram nossas escolhas, nossas apostas.

Para cada material literário apresentado escolhemos jogos teatrais que precederiam ou até mesmo interromperiam a leitura. Esses jogos tinham como objetivo soltar a turma, tornar a leitura algo divertido, um pouco deslocada daquela ideia clássica de leitura individual e silenciosa. Cada texto possui suas especificidades e a escolha e criação dos jogos deve se dar a partir destas. Jogos como os propostos por Viola Spolin serviriam como base para elaboração de outros jogos, mais voltados ao exercício da leitura, como os propostos por Heloíse Vidor (2016).

Para realizar um trabalho com leitura, nos pareceu importante que os estudantes já tivessem

passado pelo período da alfabetização. Isso nos fez procurar desenvolver o projeto com adolescentes, acreditando que esta seria a faixa etária mais propícia para a experimentação com textos. Encontramos na disciplina de teatro do 2º ano do ensino médio do curso técnico do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)⁴ um espaço oportuno para a experimentação do nosso projeto.

Conforme fomos adentrando a realidade do Instituto, fomos nos dando conta de que o que havíamos sonhado nas primeiras elaborações do projeto, nossa intenção em trabalhar com aproximações entre teatro e literatura contando com certa linearidade, repetição e frequência no processo não se concretizaria. Foi apresentado um calendário rígido, fragmentado, recheado de feriados e **(des)encontros** assíncronos, nos oferecendo apenas três momentos síncronos através da plataforma do *google meet*. Num primeiro momento isso rompeu com nossas expectativas⁵.

No ponto em que tanto a comunidade escolar quanto a universitária experimentavam um grande desgaste ao enfrentar o quarto semestre de ensino remoto, em meio a uma crise sem precedentes, nos foi sugerido que trabalhássemos com formulários do *Google Forms*⁶ para as atividades assíncronas. Diante deste cenário com ares catastróficos para o campo da arte-educação, aceitamos a sugestão dos formulários e bolamos um primeiro, que buscava travar um reconhecimento entre nós, a turma e a proposta. No formulário intitulado “Leitura e Teatro: primeiras aproximações” procuramos estabelecer

4 Instituto Federal de Santa Catarina Câmpus Florianópolis.

5 As dinâmicas internas do IFSC acabaram por se tornar um desafio para a execução do projeto que tínhamos em mente, ainda que ofereçam uma estrutura consistente de campos para a prática do exercício da docência em teatro, com estudantes e comunidade interessados e ávidos pelo fazer teatral. A instituição fomenta e promove ações que trabalham ativamente para a formação de profissionais do campo da arte educação e consolida um precioso vínculo entre o IFSC e o Departamento de Artes Cênicas da Udesc, que traçam uma história que começa antes e segue para depois de nossa passagem por lá. Porém no modelo remoto, que foi o formato possível perante o contexto da pandemia, esta nossa passagem aconteceu de maneira efêmera, singela e esburacada.

6 O Google Forms é uma plataforma da empresa Google que permite a criação de formulários online de maneira facilitada e gratuita.

um primeiro contato, abrindo espaço para apresentações, para relatos de experiências com teatro e literatura e possíveis expectativas para as aulas que iríamos compartilhar.

Lançamos um sinal que não tinha rosto, voz ou materialidade, apenas um punhado de ideias. A impessoalidade do formulário nos era assustadora, soava como uma reiteração dos cansativos meses de ensino à distância, que pouco dialogaram com a realidade dos estudantes trancafiados em casa. Estudantes que tiveram estrutura suficiente para manter o distanciamento social, porém sob ordem de continuar produzindo incessantemente. Continuar carregando as mesmas responsabilidades da vida de antes do letal coronavírus se espalhar pelo mundo, e de “absorver” um conhecimento a todo custo com a esperança de que ele, que na maioria das vezes não nos fornece aberturas para fruir a vida, pudesse garantir um “sucesso futuro”, futuro esse que neste cenário, parece se desfazer a cada tentativa de traçá-lo.

Buscamos nos apropriar o melhor que conseguimos das ferramentas do *Google Forms*, como inserindo ilustrações nas capas das propostas que pudesse sugerir algum grau de subjetividade, como a escolha das palavras, e a criação de sessões onde, através de caixas de texto, a turma pudesse se sentir à vontade para comunicar impressões a partir dos estímulos que eram apresentados. Foi no decorrer do processo que percebemos outra forma de incrementar este conteúdo assíncrono, forma esta que parecia melhor se aproximar dos objetivos do projeto, continuaríamos esse contato por meio de áudios — cuja reflexão retomamos mais adiante.

O sinal fora lançado, as questões nos formulários viajaram para uma página virtual, para um vazio, para a promessa de alguns nomes na lista da turma, para um possível cumprimento de atividade assíncrona. Era difícil dizer se alguém iria nos responder, e neste primeiro formulário já começamos a experimentar uma sensação que seria nossa companheira durante boa parte do processo, uma incerteza sobre o nível de engajamento que a turma teria com o material que estávamos apresentando e jogando durante as propostas. Juntamos algumas poesias que encontramos pelo caminho, alguns microcontos perdidos nos grãos de areia, um conto sobre uma fuga frustrada, um tufo de palavras que tiramos do bolso, engarrafamos tudo e jogamos ao *mar virtual*.

Uma das estudantes, Lorena, recebeu o sinal em sua casa, encontrou uma garrafinha na beira do mar e, através de um aparelho eletrônico, nos sina-

lizou de volta. Na resposta cativante ela nos relatou seu sonho de trabalhar com teatro, onde gostaria de trabalhar sua desenvoltura em cena, e que tinha visto muito sentido em trabalhar teatro através da leitura. A resposta de Lorena chegou após nosso primeiro encontro síncrono, que aconteceu durante o intervalo entre o envio do formulário e o prazo de recebimento.

A primeira aula síncrona foi preparada por nós com carinho, aguardada com certa apreensão (quem será que iria aparecer?) e decorreu em um turbilhão de pequenas surpresas e tentativas. Reunimo-nos no ambiente virtual pontualmente, estudantes em estágio, orientadora e nosso supervisor, quatro professores. As aulas estavam marcadas para às sete e trinta da manhã, mas deveria ser por volta das oito horas da manhã quando o primeiro estudante apareceu, e durante o encontro obtivemos o total de dois estudantes perenes e um intermitente, com problemas de conexão.

Começamos nos apresentando e em seguida abrimos espaço para que a turma se apresentasse também, através de jogos teatrais que pudessem levar essa apresentação para longe do registro cotidiano, tornando-a um pouco mais lúdica e ficcional. O primeiro foi o Jogo do Nome⁷, o segundo foi contar três fatos sobre si naquele momento, sendo dois deles verdade e um mentira. Foi curioso que uma certa preguiça matinal apareceu em quase todos os fatos contados pelos participantes, atribuindo uma transparência sensorial para o momento. Mesmo distantes uns dos outros, sem poder nos ver direito, e se escutando através de aparelhos eletrônicos, estávamos todos experimentando um sentimento em comum: preguiça matinal! E quando assumimos esse sentimento algo se transformou.

Não existia, portanto, uma cobrança de nossa parte de que os estudantes abdicassem dos estados no quais se encontravam, nem que tentassem esconder de nós a preguiça, já que compartilhávamos dela também. Essa preguiça não foi vista pejorativamente, e acabou instaurando um acordo de estar ali e iniciar o dia juntos, com abertura para os acontecimentos que viriam. Seguimos com sossego e tranquilidade para dar início às leituras, atributos estes que se estabeleceram nesse encontro, mas que se sustentaram ao longo do processo. A aula seguiu e

7 Jogo teatral no qual cada participante diz seu nome e associa a primeira letra dele com uma palavra, uma que goste. Por exemplo: “Meu nome é Lucy com L de Lua”.

perpassaram momentos de conversa sobre leitura e teatro, abertura de câmera para mostrar um livro marcante na vida de cada um, em uma tentativa de materialização do objeto livro (VIDOR, 2016), compartilhamento de sensações que nos atravessavam e, é claro, a leitura coletiva de fragmento do livro *A Praia dos Inúteis*.

Nos despedimos para nos encontrarmos dali duas semanas, com duas atividades assíncronas no percurso. Nesse momento do processo uma questão que ponderávamos desde a elaboração do projeto emergiu de forma que não seria possível ignorar: a teatralidade manifesta no trabalho de aproximação entre teatro e literatura, baseado nos escritos de Vidor, parte da leitura em voz alta, da escuta de si, do direcionamento da leitura para um outro. Porém, esse outro se perde quando estamos sozinhos em nossas casas realizando atividades assíncronas frente a uma tela, não existe ninguém nos pixels oscilantes que realizam a nossa interface com as máquinas, que nos conectam a internet. Foi com essa questão em mente que experimentamos trabalhar com gravação de áudios para o exercício da escuta e da leitura em voz alta.

Percebemos também que todo o intermédio do processo que realizávamos, tanto das aulas síncronas quanto as assíncronas, já estava acontecendo por meio de áudios. Nas aulas síncronas só aconteceu um breve momento no qual uma estudante abriu a câmera para compartilhar um livro durante uma atividade. Diante deste cenário, e não sendo nossa intenção impor a abertura das câmeras, assumimos o áudio, as ondas sonoras, enquanto veículo de comunicação das aulas, uma vez que um dos pilares que estavam estruturando nossa abordagem em sala de aula era a de escuta e a de leitura em voz alta. Deixando as imagens em segundo plano, tentamos aguçar os nossos ouvidos, soltar a nossa voz e adentrar as possibilidades que essa característica nos proporcionava.

Isso posto, no segundo formulário, intitulado “A Escuta da Palavra”, colocamos essa ideia em prática. À primeira vista parecia uma atividade demasiada curta, com um vídeo e um campo para escrita. O vídeo⁸, na verdade, era um áudio com uma leitura do conto *Fuga* de Caio Fernando Abreu. Iniciamos

a gravação com uma chegada, uma recepção pra quem estava ouvindo, convidando a procurar se concentrar, se acomodar confortavelmente e apenas escutar, deixar as palavras fluírem atizando a imaginação e só então iniciamos a leitura do conto. Tentamos com a nossa voz, com nossa leitura natural sem nenhum rebuscamento, criar um elo nosso com a turma e quem estivesse escutando, esperando que pudessem exercer uma escuta sensível do conto.

As respostas que chegaram até nós foram palavras como: “*Achei a experiência tranquilizadora, e sobre os marcos da história, eu diria que seu nível de detalhes tenha me chamado a atenção. É mais possível se sentir dentro da narrativa desta maneira.*”; e também “*Escutei duas vezes, na primeira vez estava muito barulho e, depois escutei em um ambiente silencioso, faz total diferença, da uma sensação boa ao escutar de olhos fechados. Eu ainda não conhecia esse conto, gostei bastante dele, foi uma experiência muito boa.*”; e ainda “*Interessante. Aprofunda simplicidade requisita na liberdade.*”. Essas respostas que fomos recebendo nos tocaram sempre com alegria, com simplicidade e grandiosidade.

A próxima atividade assíncrona seguiu o mesmo formato da anterior, dessa vez com a leitura da poesia *A lua foi ao cinema*, de Paulo Leminski (1991). Mas naquela semana propomos uma outra atividade em conjunto, uma um pouco mais ousada. Convidamos cada integrante da turma a gravar um áudio lendo uma poesia de seu gosto. Convidamos sem nenhuma pretensão de recebimento, compreendendo que nem todos se sentiriam à vontade para essa gravação. E por muito tempo não obtivemos nenhuma resposta em relação aos áudios, até quando, no fim de uma tarde qualquer, chegou ao *WhatsApp*⁹ de Lucy um áudio de um estudante com a leitura do poema “Convite” de José Paulo Paes (1986). Foi uma surpresa gigantesca e uma experiência única esse acontecimento, rapidamente o compartilhamos com nossa orientadora e juntos vivemos um momento de celebração do áudio recebido. Ele chegou após o prazo de envio, vindo de uma tarefa que não estava em nossas mentes naquele momento, que estavam sobrecarregadas com nossas próprias tarefas estudantis, nos proporcionando também uma pausa de escuta, de fruição daquela

8 Gravar o áudio e colocá-lo em cima de um vídeo sem nenhuma imagem e depois subi-lo no YouTube, foi a forma que encontramos de associar o áudio ao formulário, já que a plataforma não tem a opção de inserir apenas o áudio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8jXJiUlgpw>

9 Disponibilizamos nosso contato do *WhatsApp* e nossos e-mails para facilitar o envio dos áudios, já que anexar um áudio ao formulário poderia dificultar a execução da tarefa.

poesia lida. Após esse, chegou mais um, anexado à própria resposta do formulário, com mais poesia para os nossos ouvidos.

Nossa segunda aula síncrona seguiu o molde da primeira. Iniciamos com jogos que tinham o objetivo de chegar na aula, estar mais desperto e atento aos acontecimentos do momento. Mas tudo de maneira lenta e gradual. Dos jogos, fomos à apresentação da poesia *O menino que carregava água na peneira*, de Manoel de Barros (1999). A poesia foi lida e relida diversas vezes em voz alta por todos os presentes. Buscamos instigar o imaginário dos estudantes com outras possíveis formas de leitura. Como seria ler essa poesia chorando? E rindo? E assim seguimos por algumas rodadas até o momento em que perguntamos para os dois alunos que estavam *online* se eles tinham costume de ler poesia, o que era poesia para eles e se eles gostavam disso. Foi unânime que não, eles não costumavam ler e nem gostavam de poesia. A conversa foi mais longe quando os provocamos a pensar acerca das palavras cantadas por seus cantores e cantoras favoritas. Não seria isso poesia? Era. Daí chegamos a um ponto crucial para nosso projeto: uma reviravolta num pensamento recorrente, um repensar determinada situação. Com novos olhares retomamos a leitura da mesma poesia. *Acho que gosto sim, de ler poesia*, confidenciou um deles após a última rodada.

A segunda parte do nosso segundo encontro síncrono foi marcada pela leitura de um texto mais extenso: *A mulher que matou os peixes*, de Clarice Lispector (2019). A leitura seria alternada, quando alguém para de ler, o outro assume. Ainda antes de começarmos, fizemos a seguinte sugestão: interrompam o texto quando acharem necessário. Se algo não ficou claro, se algo me faz lembrar alguma coisa ou alguém, se estou achando chato, etc. Introduzimos a dinâmica das digressões, que nos chegou através das experiências como alunos de Heloise Vidor. Dada a largada, um dos estudantes tomou a palavra e não teve medo de interromper a leitura quando achou necessário. O texto de Lispector é divertido e acabou por arrancar risadas e comentários daquele que lia e também daqueles que escutavam. Mas mais divertido que o texto, só o contexto: justo aquele estudante que no primeiro encontro havia nos sinalizado seu desgosto pela leitura, tomou a palavra e já não conseguia mais parar de ler. Num ritmo diferente, talvez frenético, ou melhor ainda, em ritmo de descoberta.

Embalados pelos acontecimentos do segundo encontro síncrono, nos voltamos aos próximos dois

formulários com dinâmicas parecidas com as que vínhamos desenvolvendo. Para a quarta atividade que enviamos assincronicamente propomos a escuta dos trabalhos de três artistas como referência, que foram Letrux, Grace Passô e Emicida¹⁰. Abrimos um espaço para a escrita sobre as percepções da experiência e, mais uma vez, um espaço e estímulo que gravassem uma poesia e nos enviassem. Na semana seguinte gravamos um áudio com uma proposta para uma atividade de escuta do corpo através do exercício “sentindo o eu com eu” (SPO-LIN, 2017, p.71), seguido por experimentações de movimentação a partir do estímulo de água. Como seria encher nosso corpo de água? E depois esvaziá-lo? Quais as sensações que essa água pode carregar, por onde ela escorre, onde é que ela inunda? Essas questões foram algumas de nossas provocações para a turma ao decorrer do exercício.

Após esse momento de escuta do corpo, veio a escuta da leitura, e dessa vez selecionamos um fragmento do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*¹¹, de Clarice Lispector (1998), para que pudessem escutar após a experiência de mexer o corpo e pedimos que nos contassem como foi essa experiência. Essas foram algumas das respostas: “No início foi um pouco complicado para que eu me concentrasse, mas depois de algumas tentativas, a minha experiência foi muito única.”; e também “Eu gostei bastante do exercício, tive algumas dificuldades como por exemplo na parte de imaginar como se o corpo estivesse enchendo de água, demorei um pouco pra conseguir imaginar e começar a sentir. Eu me senti muito bem e também senti meu corpo bem relaxado.”; e ainda “não tive nenhuma dificuldade, e gostei muito da experiência, foi algo novo e muito relaxante. Gostei muito da sensação da água enchendo o corpo e depois evaporando deixando apenas uma metade da água no corpo.”

Nossos últimos encontros aconteceriam através de uma atividade simultânea e uma assíncrona, e ao refletirmos sobre até onde tínhamos caminha-

10 Os vídeos utilizados nesta atividade podem ser acessados através dos respectivos links listados no final do trabalho.

11 Trabalhamos aqui com um trecho onde a personagem apresentada por Clarice, Lori, está adentrando as águas misteriosas do mar de uma praia do Rio de Janeiro. O trecho narra como esta personagem consoma essa relação com as águas e, justamente por isso, nos pareceu interessante incluí-lo junto ao exercício corporal proposto nesta atividade assíncrona.

do e quais passos poderiam ser interessantes de se dar, chegamos na seguinte proposta: desenvolvemos, na videoconferência, uma aula que iniciou com o jogo “eu com eu”, com jogo de associação livre de palavras e o jogo de instaurar uma conversa só com perguntas. Após essa iniciação seguimos para o trabalho com Haicais e microcontos, investigando as pequenas junções de palavras e o tamanho de abertura para a imaginação que elas proporcionavam, experimentando algumas possibilidades de leitura como diferentes intenções e entonações. E concluímos a aula com a leitura do texto *A vida não é útil*, de Ailton Krenak (2020).

A última garrafa lançada por nós foi uma recapitulação dos áudios vividos, juntamos todos eles em um registro polifônico, com a intenção de nos ouvir, de forma embaralhada, sobreposta, assíncrona. Um registro de vozes que parecem nunca se esbarrar, que começavam a dizer sem concluir. Vozes que liam textos para outros ouvidos e que, talvez, se não fosse por esse processo inútil que experimentamos, nunca teriam pronunciado tais palavras, fruído o prazer de dizê-las.

Não sabemos precisar ao certo o resultado do nosso experimento. Colocamos textos em pequenas garrafinhas e as atiramos ao mar. Se alguém achou, leu e sentiu, não sabemos. Mas é com certo vislumbre que olhamos em retrospecto para essa prática e tentamos não pensar em termos de resultados, afinal, tivemos a inutilidade enquanto ideia norteadora do processo. É com vislumbre que percebemos os acontecimentos que rodearam esse projeto, e é na poesia dele que nos atemos.

Para fazer jus às ideias esboçadas neste ensaio, convidamos você a largar estas páginas, esquecer o que for necessário, levantar de onde quer que esteja sentado e sair, abrir a porta e partir rumo ao desconhecido. Sentir a brisa permanente da rotação, ouvir o grito dos pássaros, o cheiro das flores, o toque do asfalto, o sabor das pitangas. Convidamos você a perceber e se perceber na singularidade de cada coisa, como Sofia: “Ops! O caderno está no fim. Não sei se vou continuar escrevendo. Tenho um monte de coisas maravilhosas e inúteis para descobrir” (NOGUÉS, 2020, p.81).

Referências

ABREU, Caio Fernando. Além do ponto e outros contos. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2009.

BARROS, Manoel de. O menino que carregava água em uma peneira. In: _____. Exercícios de ser criança. São Paulo: Ed. Salamandra, 1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Conferência. I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEMINSKI, Paulo. Distraídos venceremos. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1991

LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. A mulher que matou os peixes. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

NOGUÉS, Alex. A praia dos inúteis. 1ª edição. São Paulo: Editora Biruta, 2020.

PAES, José Paulo. Convite. In: _____. Um por todos (poesia completa). São Paulo: Brasiliense, 1986.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor. 3ª edição. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VIDOR, Heloíse Baurich. Leitura e Teatro: aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec; Florianópolis/SC: Fapesc, 2016.

Vídeos:

EMICIDA; LUCINDA, E. Milionário do Sonho. Vídeo, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vgdnbRg92n0> acesso 10/06/2022

LETRUX. Abertura & Orelha - Aspas.1 - Tudo Que Já Nadei - Vídeo, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2POMY-clAtl> acesso em 10/06/2022

PASSÔ, Grace. Beleza In: Canal Revista Bravo. Vídeo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2POMY-clAtl>

com/watch?v=RulwaHmFO7w acesso 10/06/2022

Recebido: 10/06/2022

Aceito: 05/08/2022

Aprovado para publicação: 12/09/2022

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.